

No atendimento educacional em enfermaria pediátrica, as adaptações de acesso ao currículo envolvem diferenciados eixos: físico-ambientais, recursos didáticos, mobiliários e o uso de linguagem específica, não estando assim restrita à figura do professor ou da escola. A proposta educacional deve responder às necessidades dos alunos, ao possibilitar um currículo comum que ofereça aprendizagens de acordo com as suas necessidades.

Aline Daiane Nunes Mascarenhas

Aspectos político-pedagógicos do atendimento educacional em enfermaria pediátrica: classe hospitalar do CPPHO

Political pedagogical aspects of educational attendance in the pediatric ward: hospital class of the CPPHO

ALINE DAIANE NUNES MASCARENHAS*

Resumo

A classe hospitalar do CPPHO – Centro Pediátrico Professor Hosannah de Oliveira/ Universidade Federal da Bahia, atende a crianças e adolescentes internados, prestando atendimento pedagógico-educacional no período vespertino. Essa modalidade de educação está respaldada pelo Ministério da Educação e Desporto desde 1994, por meio da Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 1994) que preconiza as classes hospitalares como uma modalidade de ensino a ser empregada quando crianças ou adolescentes estiverem hospitalizados, por curto ou longo período. Cabe, nessa perspectiva, pensar as crianças hospitalizadas como alunos temporários da educação especial que devem ter uma assistência educativa que respeite as suas especificidades. Alguns conhecimentos se tornam fundamentais para trabalhar nesse contexto, como, por exemplo: conhecer a estrutura organizacional do hospital e algumas das patologias mais comuns, trabalhar em equipe multiprofissional, ter flexibilidade, dinamismo, saber escutar e se adaptar às imprevisibilidades. Esperamos que este trabalho amplie as discussões em relação a uma área de saber que se propõe a investigar a educação no hospital, bem como estimule novas produções no meio acadêmico, no intuito de traduzir propostas e ações políticas no atendimento educacional de crianças e adolescentes hospitalizados.

Palavras-chave: Classe hospitalar; Atendimento pedagógico; Política.

* Professora da Classe Hospitalar do Centro Pediátrico Professor Hosannah de Oliveira/UFBA e Mestranda em Educação pelo Programa de Pós- Graduação da UFBA; E-mail: aline_mascarenhas@hotmail.com

Abstract

The hospital class of the CPPHO – Centro Pediátrico Hosannah de Oliveira / Universidade Federal da Bahia, serves admitted children and adolescents providing pedagogical-educational attendance -- in the afternoon. This kind of education has been supported by the Ministry of Education and Sports since 1954 through the National Special Education Policy (BRAZIL,1994) which recommends the hospital classes as a teaching modality to be used when children and adolescents are hospitalized for a short or long time. In this perspective, hospitalized children are seen as temporary special education students who should have an educational assistance which respects their specificities. Some knowledge is fundamental to work in this context, as ,for example, know the organizational structure of the hospital and some of the most common diseases, work with other professionals, have flexibility, dynamism, and adapt to unpredictability. We hope this work broadens discussions related to an area of knowledge which intends to investigate the education in hospitals as well as encourage new productions in academic environment, in order to translate policy proposals and actions in the educational attendance of hospitalized children and adolescents.

Keywords: Hospital class; Pedagogic Service; Polity.

Introdução

O paradigma da inclusão tem sido discutido pelos diversos segmentos, tanto a nível nacional como internacional. O respeito e o convívio com a diferença começam a ganhar fôlego nas discussões e na literatura, prioritariamente, a partir da Declaração Mundial de Educação para Todos (Tailândia, 1990) e a Declaração de Salamanca (Espanha, 1994) que reafirmam o direito fundamental de todas as pessoas terem garantido o acesso e a permanência no sistema educacional.

A inclusão vem sendo compreendida pela sociedade numa visão reducionista, condicionando-a apenas a inserção de alunos com necessidades especiais no ingresso à escola regular. Contudo, é necessário romper essa concepção, ampliando a proposta inclusiva a um atendimento pedagógico na diversidade que atenda não somente aos educandos com necessidades educativas especiais, mas também às minorias que precisam ter assegurados os seus direitos.

Essa concepção mais ampla está expressa nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Parecer CNE/CEB Nº 11/01) que define a Educação Especial como uma proposta pedagógica que assegura os serviços educacionais, de modo a garantir a educação e o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentem necessidades especiais, nas mais diversas etapas e modalidades da educação básica.

Dentro dessa ótica inclusiva, a Pedagogia, como ciência da educação, vem cada vez mais sendo requisitada a atuar em diferentes espaços, tendo em vista

a necessidade de colaborar com a educação em seus diferentes contextos. Nesse sentido, essa ciência vem delineando um novo caminho pautado no pluralismo de ações educativas que busca uma sociedade mais humana, que favoreça a convivência social e explicitando uma nova experiência teórico-prático de atenção pedagógica aos sujeitos hospitalizados, bem como a imersão do Pedagogo em contextos que ultrapassam a escola.

O objetivo deste artigo, portanto, consiste em explicitar algumas ações políticas voltadas para a educação no âmbito hospitalar e especificar o trabalho pedagógico-educacional realizado em uma classe hospitalar no CPPHO – Centro Pediátrico Professor Hosannah Oliveira.

Aspectos político-pedagógicos da classe hospitalar do CPPHO/UFBA.

A Diretriz do MEC 2001 considera as classes hospitalares “como trabalho desenvolvido por professor de Educação Especial, com alunos que estejam hospitalizados e atendimento domiciliar – atendimento prestado no âmbito familiar” (BRASIL, 2001, p. 35).

No que concerne ao objetivo das classes hospitalares, esse documento expressa como pressuposto “manter o aluno atualizado com referência ao currículo desenvolvido na escola em que estiver matriculado; em desenvolver currículo flexibilizado com crianças e jovens não matriculados no sistema educacional local” (BRASIL, 2001, p. 35).

O atendimento educacional prestado no CPPHO está vinculado à Faculdade de Educação/UFBA que incorporou através do Programa Assistência estudantil PERMANECER, duas estagiárias graduandas de Pedagogia e duas mestrandas da pós-graduação em Educação, bolsistas da CAPES que atuam como preceptoras das estagiárias graduandas, além de exercerem a docência.

Essa modalidade de educação está respaldada pelo Ministério da Educação e Desporto desde 1994, através da Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 1994) que preconiza as classes hospitalares como uma modalidade de ensino a ser empregada quando a criança ou adolescentes estiverem hospitalizados, seja por curto ou longo período.

No contexto das atividades de prática pedagógica desempenhadas junto às crianças hospitalizadas, as graduandas/estagiárias têm apreendido o sentido limite do que representa o cumprimento de direitos de inclusão escolar de crianças em situação de risco, para além das clássicas condições comumente reclamadas pelas teorias educacionais (COVIC, 2008).

Segundo Barros (2007), o processo de escolarização no hospital é um fator que contribui para o enfrentamento do estresse da hospitalização. Essa contribuição é em parte alcançada graças ao significado da escola na composição das experiências infantis e juvenis.

O atendimento pedagógico educacional da escola do CPPHO ocorre diariamente em uma sala e nos leitos, onde se encontram crianças

impossibilitadas de se locomoverem ou que não podem ter contato com outras crianças. Assim, enquanto algumas professoras estão na sala, desenvolvendo o planejamento com algumas crianças, temos outras, desenvolvendo parte do planejamento no leito com atividades diversificadas e de acordo com as condições físicas e emocionais das crianças.

A inserção dos alunos nas atividades não é obrigatória, pois deve partir do desejo e da motivação delas, mas é claro que, para despertar esse desejo e interesse, as professoras passam nas enfermarias fazendo o convite e seduzindo-as quanto aos procedimentos didáticos que farão parte da aula. Normalmente, após o primeiro contato, as crianças acabam retornando nos dias subsequentes, sem que precisemos passar para fazer o convite, pois no horário marcado elas já se encontram na sala e levam os coleguinhas.

É nesse sentido que Fonseca (2003) explicita a necessidade do professor tentar manter os horários da frequência de atendimento aos seus alunos, uma vez que a criança hospitalizada já vive muitas incertezas do ponto de vista médico.

Nesse aspecto, faz-se necessária a coerência no trabalho desenvolvido na classe hospitalar, para que este ocorra de modo interativo de forma que a criança possa sentir-se como elemento integrador. Essa relação possibilita a sua interferência, fazendo-a ser agente e não apenas paciente que se submete ao tratamento.

Ceccim (1999) observa que a prática pedagógica educacional no hospital, visa à continuidade do ensino de conteúdos da escola de origem da criança e/ou trabalho educativo com conteúdos programáticos próprios a cada faixa etária das crianças hospitalizadas, pois a prática pedagógica, nesse espaço, exige profissionais com maior flexibilidade, por tratar-se de uma clientela que se encontra em constantes modificações e com diferentes patologias. Logo, a atuação de professores em classe hospitalar requer compreensão das peculiaridades de cada aluno, uma vez que não existe uma receita pronta, um planejamento perfeito ou estratégias educativas mágicas.

No atendimento educacional em enfermaria pediátrica, as adaptações de acesso ao currículo envolvem diferenciados eixos: físico-ambientais, recursos didáticos, mobiliários e o uso de linguagem específica, não estando assim restrita à figura do professor ou da escola. A proposta educacional deve responder às necessidades dos alunos, ao possibilitar um currículo comum que ofereça aprendizagens de acordo com as suas necessidades.

Em um cenário bem diferente das turmas inseridas na escola regular, as da classe hospitalar contam às vezes com a presença dos acompanhantes (pai, mãe, tio ou outros) que participam das discussões e ajudam na realização das atividades dos educandos. Esses acompanhantes são úteis por diferentes motivos, tais como: a insegurança de algumas crianças no primeiro dia de contato com a escolinha, a ociosidade no hospital ou a curiosidade de saber como funciona esse espaço permanecem e assistem às aulas, contribuindo para a aprendizagem dos alunos.

As propostas metodológicas são desenvolvidas com base em diferentes séries, visto que a classe hospitalar é um espaço multisseriado que conta com crianças que possuem diferentes níveis de desenvolvimento proximal e precisam de atividades diversificadas.

Segundo Vygotsky (1998), a criança se desenvolve por meio de interações com o mundo que a cerca, desse modo, ela se vale daquilo que é capaz de fazer sozinha - zona de desenvolvimento real, para envolver-se com aquilo que é capaz de fazer com a ajuda e orientação de outros (exploração de sua zona de desenvolvimento proximal - ZDP), o que resultará na sua zona de desenvolvimento potencial, que significa a capacidade de fazer algo com o resultado do uso da zona de desenvolvimento real na zona de desenvolvimento proximal. Nessa perspectiva, as ações pedagógicas se tornam um elemento essencial de possibilidades cognitivas que as crianças podem realizar sozinhas e com ajuda do professor mediante uma escuta pedagógica.

Segundo Oliveira (1992), a intervenção pedagógica provoca avanços que não ocorreriam espontaneamente, então o professor assume o papel de mediador da construção do conhecimento no hospital. Pautado nessa concepção, o professor deve ser um agente que mobiliza os seus saberes, reconhecendo acima de tudo a condição de diversidade, de alteridade, a fim de garantir a participação de qualquer aprendiz no processo educativo, superando qualquer forma de discriminação por questões físicas, étnicas, socioeconômicas, de gênero ou de classe social.

Na escola do CPPHO, como em qualquer outro espaço que desenvolva essa atividade, existe um fator característico que é a rotatividade de alunos, em que se evidencia uma composição de turma sempre variável, pois para cada paciente o tempo de permanência no hospital é diferente, tendo em vista a sua patologia. Assim, constantemente ocorre a formação de novos grupos e, por isso, a necessidade de as atividades terem início, meio e fim.

Para obter a composição de turmas do CPPHO que se iniciam a cada semana, são realizadas anotações, além dos dados individuais de cada criança que permitem compor um "mapa" da ocupação semanal da enfermaria. As sistematizações dos registros explicitam para as estagiárias e mestrandas o tipo de composição mais frequente dos grupos de pacientes-alunos. Este registro de regularidade passou a antecipar melhor os formatos possíveis das "turmas" de pacientes-alunos com as quais teriam trabalhar nas semanas que se seguissem.

Tal predição se faz indispensável para o trabalho com turmas altamente heterogêneas, típicas da modalidade Classe Hospitalar, já que estas turmas possuem uma diversidade intrínseca que as faz ainda mais complexas do que as reconhecidas classes multisseriadas das escolas rurais ou do que as salas de aula de uma escola inclusiva, referência paradigmática das possibilidades de ensino sob o signo do respeito à diversidade (MASCARENHAS, 2009).

Diante das informações explicitadas no mapa, as professoras (graduandas

e mestrandas) se encontram uma vez por semana, sempre às sextas-feiras, para realizar o planejamento semanal das diversas áreas do conhecimento (Matemática, Português, Ciências, História e Geografia). São realizadas também oficinas para confeccionar brinquedos com sucatas, construção de maquetes com conteúdos na área de história e geografia, bingo numérico para exercitar o conhecimento dos números e escrita numérica.

Diante desse contexto, Barros (2007) afirma que as intervenções em classe hospitalar, pautadas pelo emprego lúdico e pontuadas pelas manifestações artísticas que exploram a criatividade das crianças, apesar do contexto da adversidade, reforçam as expectativas de retorno à vida normal.

Ainda, segundo Barros (2007, p. 265), existem algumas habilidades e competências exigidas de um professor que atue no hospital. Dentre elas:

Capacidade do professor de se adaptar à demanda de uma nova classe hospitalar e justificá-la a partir da apreciação de variáveis como: a frequência de crianças e adolescentes internados; faixa etária e tempo médio de permanência, avaliações da estrutura física e de atendimento do hospital, presença de área disponível para a realização das atividades lúdicas pedagógicas, recreativas; rotinas de cuidados e atenção destinados às crianças em tratamento, bem como agenda de horários a estas atividades relacionados; levantamento do perfil sócio-educacional da clientela atendida: procedência do domicílio da criança, renda familiar e escolaridade dos pais, referência a abandono, repetência ou evasão escolar sofridas pela criança anteriormente à instalação da morbidade; Capacidade de propor maneiras e materiais alternativos na confecção de jogos e brinquedos; Capacidade de sugerir modos mais apropriados de diagnosticar as demandas de acompanhamento escolar do paciente, modos que o contemple na integralidade da sua condição humana e indissociabilidade de suas necessidades – física, psíquica, social, de gênero e outras variáveis.

Tais competências e habilidades são de fato necessárias para uma atuação adequada, devendo ser permeada de destreza e de discernimento para atuar com planos e programas abertos, móveis e que devem ser constantemente reorientados, tendo em vista a situação especial de cada criança.

Conclusão

A classe hospitalar se constitui num espaço alternativo que se propõe a um trabalho de interação pedagógica e dos aspectos patológicos, visando a um atendimento pedagógico-educacional para crianças e adolescentes que se encontram hospitalizados.

Este trabalho evidenciou a heterogeneidade do aspecto da escolarização

no ambiente hospitalar e a presença de características específicas, tais como: turmas multisseriadas e de caráter heterogêneo em relação à faixa etária; maneiras alternativas de trabalho na confecção de jogos e brinquedos; capacidade de acolher os acompanhantes nas atividades propostas; intervenções pedagógicas mediante os limites e as possibilidades dos alunos; realização de atividades com início, meio e fim, tendo em vista a rotatividade dos alunos; composição de turma sempre variável; estruturação de diferentes atividades, respeitando os estágios de desenvolvimento de cada criança e atendimento individualizado quando o educando se encontra no leito ou em processo de isolamento.

Nesse cenário tão diversificado e complexo, há que se compreender a prática pedagógica em hospitais como uma ação pautada na imprevisibilidade que nem sempre possibilitam a linearidade e cumprimento de um planejamento proposto, já que pode haver constantes modificações.

É importante ressaltar que alguns conhecimentos se tornam fundamentais para trabalhar com a escola hospitalar, como por exemplo: ter conhecimento sobre a estrutura organizacional do hospital, saber sobre as patologias mais comuns, trabalhar em equipe multiprofissional, ser flexível mediante as dificuldades dos alunos, ressaltando sempre as suas potencialidades, se adaptar as imprevisibilidades, reconhecer a importância de diferenciadas práticas educativas e saber escutar as crianças diante dos seus medos e de suas dificuldades.

Referências

BARROS, A. S. S. Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classes hospitalares. In: Educação da criança hospitalizada: as várias faces da pedagogia no contexto hospitalar. **Caderno do Cedes**, São Paulo: Cortez, v. 27, n. 73, p. 257-278, set./dez. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília, DF, 1994.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. MEC/SEESP. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília, DF, 2001.

CAVALCANTE, R. A. O. L. **Aspectos psicológicos da hospitalização da criança**. São Paulo: Novas Dimensões, 1977.

CECCIM, Ricardo. B; FONSECA, Eneida. S. Atendimento pedagógico-educacional hospitalar: promoção do desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança hospitalizada. **Revista Temas Sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 7, n. 42, p. 24-36, jan./fev. 1999.

COVIC, Amália Neide. **A aprendizagem da docência: um estudo a partir do atendimento escolar hospitalar**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Educação. São

Paulo, São Paulo, 2008.

FONSECA, E. S. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003.

MASCARENHAS, A. D. N; et al. Estágio de docência em uma enfermagem pediátrica: exercitando a prática de ensino em um contexto de diversidade. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES NORTE NORDESTE, 2009. Anais v. 1, CD-ROM.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky e o processo de conceitos. In: DE LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M. K; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.